

## **TEFÉ, Nair de**

\*caricaturista.

*Nair de Tefé von Hoonholtz* nasceu em Petrópolis (RJ) no dia 10 de junho de 1886, filha de Antônio Luís von Hoonholtz, barão de Tefé, e de Maria Luísa Dodsworth. Seu pai foi oficial da Marinha brasileira e teve participação ativa no governo de dom Pedro II, atuando na Guerra do Paraguai e na formação da Repartição Hidrográfica da Marinha, da qual foi diretor; foi também ministro plenipotenciário em diversos países europeus. Seu avô, o conde Frederico Guilherme von Hoonholtz, foi oficial do Exército brasileiro no Primeiro Reinado.

Nair de Tefé nasceu em berço de ouro e parecia destinada a viver uma vida fútil de dama da sociedade carioca. Entretanto, sua vida foi exatamente o inverso disso. Em 1887, com um ano de idade, foi morar em Paris com a família, voltando ao Brasil em 1893. No mesmo ano seu pai foi enviado a Roma e para lá se dirigiu com a família. No ano seguinte Nair iniciou seus estudos em Nice, na França, no convento da Assomption, das madres ursulinas. Nessa época experimentou pela primeira vez usar o lápis para desenhar caricaturas. Tomou gosto pelo desenho e transformou esse gosto em forma de extravasar sentimentos, desenhando figuras masculinas e femininas porque gostava ou não delas. Em 1897 ingressou no melhor colégio da região, o Cours Vivaudy. Em 1901 seu pai mudou-se para Paris, e aí continuou a frequentar as melhores escolas, inclusive de pintura, como o curso de Madame Lavrut. Em 1903 a família retornou ao Brasil para logo voltar a Paris. Ingressou no célebre Cours Julien para, novamente, em dezembro de 1905, voltar ao Brasil. Essa vida movimentada só fez com que aprimorasse o seu traço caricatural.

No Brasil, a família estabeleceu-se em Petrópolis. A cidade, nessa época, era o lugar preferido da sociedade carioca para veraneio, principalmente entre dezembro e março, quando se tornava a capital social do país. A euforia das férias e das festas fizeram da cidade o melhor lugar para as experiências de Nair, principalmente porque a tradição da família fazia com que fossem constantemente convidados para festas e outras atividades. Empolgada com os registros positivos de seu trabalho, Nair manteve a atividade da caricatura e resolveu utilizar como assinatura o anagrama *Rian* – Nair ao contrário.

A fama de caricaturista expandiu-se, e o que no início era só para satisfazer os pedidos das

amigas virou atividade cotidiana. Para isso, no entanto, teve que superar as objeções do pai, que não via com bons olhos o trabalho da filha. Rian expunha os seus trabalhos semanalmente em vitrines de duas casas famosas do comércio do Rio de Janeiro, a Casa Davi e a Chapelaria Watson. Sua primeira caricatura publicada na imprensa foi a da artista francesa Réjane, na *Fon-Fon* de 31 de julho de 1909. A partir de então passou a colaborar em várias revistas e jornais nacionais, entre eles *Binóculo*, *Careta*, *O Malho*, *Ken*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana*, *Gazeta de Notícias*, e ainda nas revistas francesas *Le Rire*, *Excelsior*, *Fémina* e *Fantasio*. Suas caricaturas criavam, no entanto, situações conflitantes. Por ser mulher e jovem, recebia vários elogios, já que desenhar caricaturas era, na época, uma atividade unicamente masculina. Mas a ironia expressa por seus traços também fazia com que recebesse advertências.

Sua presença em Petrópolis nos meses de verão fizeram dela uma referência. Admirada por todos por seu jeito altivo e moleque, irradiava alegria, principalmente quando, pela manhã, passeava com seu cavalo junto com o pai. O barão de Tefé tinha como companhia, além da filha, o presidente da República Hermes da Fonseca (1910-1914), desde 1912 viúvo de dona Orsina da Fonseca. A graça de Nair tocou o marechal, e ela entendeu o interesse, não o levando a sério. No entanto, num desses passeios o presidente a pediu em casamento. Nair se casou no dia 8 dezembro de 1913, num clima de escândalo pela diferença de idade e pelo pouco tempo de viuvez do noivo. Até novembro de 1914 ocuparia o lugar de primeira-dama do Brasil.

A partir do casamento, Nair dedicou-se integralmente ao marido, apoiando a construção de vilas populares em bairro suburbano do Rio de Janeiro que seria batizado com o nome de Marechal Hermes. O fato mais expressivo de sua vida com o marechal aconteceu no dia 26 de outubro de 1914, quando promoveu no palácio do Catete uma última festa para a despedida da presidência, durante a qual, acompanhada por Catulo da Paixão Cearense, tocou o maxixe *Corta Jaca* de Chiquinha Gonzaga. A comemoração gerou protestos do próprio Rui Barbosa, que reclamou no parlamento da falta de decoro no palácio presidencial.

Mais tarde, na sucessão presidencial de 1922, mais uma vez Nair se manteve ao lado do marido, que se opôs ao candidato oficial Artur Bernardes e apoiou o candidato da Reação Republicana, Nilo Peçanha. Com a eleição de Bernardes e a eclosão da revolta tenentista de

5 de julho de 1922, Hermes da Fonseca foi preso. Doente, foi libertado em janeiro de 1923 e faleceu em setembro seguinte na casa dos sogros, em Petrópolis.

A morte do marechal Hermes deixou Nair melancólica. Mas logo reagiu, dedicando-se a atividades culturais e teatrais em Petrópolis, atuando como atriz, autora e diretora. O escritor Coelho Neto escreveu, para ela, a peça *Miss Love*. O sucesso dessas atividades fez com que o dramaturgo Leopoldo Fróes tentasse incorporá-la à sua companhia. Também criou a Troupe Rian, grupo de teatro cuja renda era dedicada a obras sociais.

Nair de Tefé voltou para o Rio de Janeiro em 1932 e foi morar em Copacabana. Utilizando a herança do pai, morto em 1931, adquiriu um terreno e nele construiu um cinema, chamado Rian, em homenagem ao pai e como incentivo à atividade cinematográfica. Problemas com a exibição de filmes acabaram, contudo, por levá-la a se desfazer do cinema e a mudar-se para a cidade de Niterói, onde passou a levar uma vida de reclusão. Segundo alguns, a mudança se deveu à perda do cinema e da ilha Francisca, em Angra dos Reis, presente do marechal Hermes, em dívidas de jogo.

Nair de Tefé morreu em 10 de junho de 1981, no exato dia em que completou 95 anos de idade. Foi a primeira mulher caricaturista brasileira e, mais que isso, representou no Rio de Janeiro, junto com a jornalista Eugênia Moreira (1898-1948) e a “diva dos salões” Laurinda Santos Lobo (1878-1946), a expressão do modernismo e da atuação feminista da época.

*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

FONTES: AMARAL, S. *Nair*; LIMA, H. *História*; SANTOS, P. *Nair*; TEFFÉ, N. *Verdade*.